

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO TIMOR LESTE: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE UMA PROFESSORA BRASILEIRA

Delton Aparecido Felipe *
Fabiane Freire França **

A entrevista com Keu Apoema¹ que aqui apresentamos ocorreu após sua comunicação “A (im)permanência da voz da narração oral”, no XII CONLAB – Congresso Luso Afro-Brasileiro, realizado na cidade de Lisboa, Portugal. As perguntas foram organizadas com o objetivo de apreciar suas experiências com a contação de histórias no Timor Leste e no Brasil, bem como evidenciar seus projetos voltados à formação docente e ao processo de ensino-aprendizagem.

Keu Apoema é professora na Universidade Nacional Timor Lorosa'e – UNTL, localizada no Timor Leste², Mestre em Educação pela FACED/Universidade Federal da Bahia, especialista em arte e educação pela PUC Minas e graduada em Administração pela Universidade de Pernambuco. Em suas pesquisas aborda o trânsito das narrativas orais da tradição para a contemporaneidade. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Arte e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologias lúdicas e participativas, narrativas orais e contação de histórias. Trabalha como consultora em processos de formação diversos e, entre os anos de 2012 e 2013, desenvolveu os projetos “Ziri-Ziri: contos Daqui e Dacolá” e “Cheganças”. Pelo primeiro, circulou com espetáculos de contos africanos e uma exposição fotográfica com imagens feitas em Burkina Faso, país no qual fez uma residência artística no período de 2011 a 2012. No segundo, coordenou uma proposta de intercâmbio entre contadores de histórias tradicionais e contemporâneos e formação e circulação de rodas de histórias. Atualmente, Keu Apoema integra o Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (<http://pqlp.pro.br/>), que tem como objetivo a formação docente inicial e continuada, fomento ao ensino da Língua Portuguesa e apoio ao Ensino Superior. Pelo programa ensina Artes e Cultura no departamento de formação de professores da Universidade Nacional Timor Lorosa'e, bem como coordena o grupo de contadores de histórias Haktuir Aiknanoik, ligado ao Departamento de Letras da mesma universidade, em conjunto com a professora timorense Fernanda Sarmente.

Em “Cheganças” você afirma que “em meus caminhar, o conto tem andado diligentemente ao meu lado, inspirando-me a conhecer mais sobre mim, sobre o outro, os outros, o mundo”. Conte-nos um pouco sobre suas andanças pelo

Brasil, por Burkina Faso, na África, e agora em Timor Leste. Como contribuíram para a formação da professora/artista Keu Apoema? O que significa contar histórias para você? E como a contação de história pode colaborar com a formação docente?

Keu Apoema: Comecei minha jornada como contadora de histórias no ano de 2000, em uma oficina com Gislayne Matos, a quem considero minha mestra, em São João Del Rey, Minas Gerais, Brasil. Na época, trabalhava como educadora popular, com pequenos empresários e camponeses. Comecei a contar histórias em sala de aula, depois passei a trabalhar com formação de professores contadores de histórias e, por fim, enveredei pela possibilidade cênica, montando rodas e espetáculos. Foram mais de dez anos entre oficinas, leituras, contações públicas, até a possibilidade de ir para Burkina Faso. Lá, eu bebi diretamente da fonte, tendo ouvido e recolhido muitas histórias, conversando com contadores de histórias tradicionais e contemporâneos, vendo suas performances, enfim, foram dois meses ricos e inspiradores. Voltei com a certeza de que eu não poderia fazer outra coisa, que o contar histórias era e sempre seria o eixo central de minha vida e caminhos profissionais. Em Burkina Faso fui para uma proposta de residência artística de dois meses, financiada pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, fui para viver as histórias. Timor-Leste é algo completamente diferenciado Brasil. Estou aqui como professora na área de educação pelo programa de cooperação PQLP/CAPES. Trabalho em várias frentes e, também, porque não poderia deixar de ser, com um grupo de contadores de histórias ligados ao departamento de letras da UNTL (Universidade Nacional Timor Lorosa`e), criado em conjunto com a professora Márcia Cavalcante, que estava aqui quando eu cheguei e que já tinha um trabalho de pesquisa das narrativas orais timorenses. Márcia já voltou para o Brasil e eu continuo como formadora do grupo, que se chama Haktuir Aikananoik, o que significa “contar histórias” em tétum, uma das línguas oficiais do país ao lado do português. Esse é um dos aspectos. Um outro é minha posição de pesquisadora, uma marca de toda a minha trajetória profissional e acadêmica, frente a um país com uma tradição oral rica, além de uma vivência da oralidade como marca fundamental das relações sociais, na guarda e construção do conhecimento, enfim, inúmeras possibilidades que tenho procurado conhecer um pouco mais, pesquisar caminhos outros pelos quais tenho tentado adentrar. Contar histórias para mim é corpo, voz e imagem em movimento, é a narrativa que ganha vida através desses elementos, apoiados ainda pelo olhar e pela memória. É uma experiência de escuta

e de relação, de estar com o outro tendo como fios condutores a imaginação e a emoção. É também uma experiência atemporal, sem idades, sem limites, podendo tratar sobre tudo e qualquer coisa, sempre com muita delicadeza. Acredito que a contação de histórias deveria fazer parte do processo de formação de qualquer professor, porque ela ajuda a estabelecer vínculos, criar laços de confiança, alimentar a emoção, a imaginação, a vida criativa, elementos tão necessários a qualquer processo educativo.

Você desenvolve alguns projetos, dentre eles *Ziri-Ziri: contos Daqui e Dacolá e Cheganças*. Quais são as características desses dois projetos, no que eles se aproximam e se afastam?

Keu Apoema: O *Ziri-Ziri* nasceu da experiência em Burkina Faso e gira em torno dos materiais que recolhi e produzi lá, as histórias, depoimentos, as fotografias. Com ele, circulei por municípios de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Sergipe, compartilhando essa minha breve passagem pelo território africano. No projeto *Ziri-Ziri* faço um espetáculo solo com a direção de meu grande amigo Toni Ramos, uma exposição fotográfica e rodas de conversas com professores e artistas locais. Já o projeto *Cheganças* foi uma experiência diferente. Nele integrei uma equipe de quatro pessoas em um trabalho de pesquisa das narrativas orais de contadores de histórias tradicionais do interior da Bahia, do Piemonte da Diamantina, mais propriamente dito. Circulamos por três municípios – Caem, Jacobina e Serrolândia – coletando histórias, fazendo registros em áudio e vídeo, promovendo rodas de contação de histórias entre contadores de histórias tradicionais e contemporâneas e realizando formações mais amplas para artistas locais.

Em seus escritos, percebemos que trabalha com uma divisão entre contação de histórias tradicionais e de histórias contemporâneas, quais as características de cada uma? Qual o espaço que cada uma tem nos projetos que você desenvolve no Timor Leste?

Keu Apoema: Os contadores de histórias tradicionais são aqueles que aprendem seu ofício em íntima conexão com a comunidade, numa relação de escuta das memórias dos mais velhos, normalmente parentes próximos, que fazem parte de uma cadeia intergeracional de transmissão das histórias. Os contadores de histórias contemporâneos são artistas, muitos se formaram em oficinas, dialogam com as artes cênicas, bebem de livros, formam seus repertórios em processos de pesquisa e, de modo geral, de fontes diversas. Em Timor-Leste, no campo específico da

tradição oral, tenho trabalhado diretamente com um grupo de contadoras de histórias ligadas ao departamento de letras da UNTL. Com elas, pesquisamos as narrativas orais do Timor e temos preparado-as para apresentações públicas, ou seja, para rodas de contação de histórias, para o espetáculo, além de também estudarmos os teóricos das narrativas. Trabalhamos no entrecruzar da tradição e da contemporaneidade, como praticamente tudo o que faço no campo das narrativas.

Você menciona que “contar histórias é uma experiência estética que perpassa aspectos pedagógicos, a experiência da escuta e da sociabilidade, elementos tão necessários à contemporaneidade”. De que maneira seus projetos com contação de histórias têm contribuído nesse processo?

Keu Apoema: Contar histórias é uma arte. Ela provoca prazer, surpresas, suscita emoções, logo, é uma experiência estética. Ao mesmo tempo, as narrativas estão cheias de enredos que tratam da humanidade, de experiências humanas: perdas, fracassos, desejos, sonhos, sucessos, vida, morte, enfim, muitos outros. Ao ouvi-las, aprendemos com elas, recebemos *insights* sobre nossa própria vida, elas nos permitem refletir. Ao mesmo tempo, ajudam a criar laços entre quem ouve e quem conta, entre os ouvintes, enfim. Sempre que ouvimos histórias, temos a impressão de que estamos todos em um mesmo barco, nos sentimos menos sós nessa imensa aventura que é viver.

Em um de seus textos sobre aprendizados nas municipalidades você relata que “há municípios nos quais não conseguimos nenhuma forma de contato com as prefeituras locais ou diretorias de cultura [...] Há, no entanto, encontros que são perfeitos. A produção consegue conversar diretamente com as diretorias locais de cultura, pessoas são colocadas à disposição para nos acompanhar e nos orientar durante a estadia no município”. Poderia nos relatar algumas das conquistas e dificuldades em inserir a contação de história como um dos elementos possíveis no processo de ensino e aprendizagem das pessoas em espaços escolares e não escolares?

Keu Apoema: Essa é uma discussão longa. A grande dificuldade na inserção ou reinserção da contação de histórias em espaços escolares ou não escolares se dá quando há algumas ideias preconcebidas, como, história é coisa apenas para criancinhas, história é para ajudar a ler, coisas assim. Essas ideias são limitantes porque por vezes impedem perceber que as histórias são para todos e para todas – adultos, crianças, idosos e idosas – há, inclusive, aquelas histórias que não são recomendadas aos menores. Elas trabalham abertura para a vida, a curiosidade pelas coisas do mundo e não exatamente esta ou aquela disciplina curricular, por

exemplo. Particularmente, contei histórias em todos os grupos com os quais já trabalhei, em sua maioria adultos, e pude perceber que as histórias são capazes de tocar a todos. Quando se perde essa dimensão, perde-se muito. Por outro lado, é preciso insistir, é preciso enfrentar os olhares e os ouvidos mais céticos. Sempre que se conta ou se ouve uma história, é possível ver olhos atentos, brilhando – mesmo aqueles em princípio mais resistentes, ao final, são conquistados pelo poder da palavra. Essa é sempre a maior conquista.

Como analisa a recepçon de seus trabalhos no Timor Leste e no Brasil?

Keu Apoema: São duas experiências bem distintas. No Brasil, há uma experiência tradicional já muito diluída – ainda que viva e pulsante em especial nos interiores e zonas rurais – por conta do processo de urbanizaçon, mídias de massa, a *internet*. Já o movimento contemporâneo cresce cada vez mais, com grupos e contadores de histórias pululando no mais diversos cantos, criando projetos, promovendo processos de formação, enfim, circulando, florescendo. Já em Timor, a experiência tradicional é muito forte, com uma proposta contemporânea que nasce agora com esse grupo, o Haktuir Aiknanoik, que tem ainda um longo e, certamente, brilhante caminho pela frente. No entanto, em ambos os lugares por onde andei, sempre que se tem uma boa história para contar, há ouvidos para ouvir.

NOTAS

* Delton Aparecido Felipe é pós-doutor em Educação e professor colaborador da Universidade Estadual de Maringá - UEM. E-mail: ddelton@gmail.com

** Fabiane Freire França é doutora em Educação e professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – Unespar/Campo Mourão. E-mail: prof.fabianefreire@gmail.com

¹ A professora Keu Apoema se chama Kelly Cristine Ribeiro e prefere ser nominada Keu Apoema, nome que a aproxima mais de suas raízes africanas e indígenas. E-mail: keu@apoema.art.br

² A Universidade Nacional Timor Lorosa'e (único nome oficial, em português) é uma universidade fundada no ano de 2000, com sede na cidade de Díli, capital de Timor-Leste. Em tétum, é chamada de Universidade Nasionál Timór Lorosa'e", UNTL.

³ Disponível em: <<http://ziriziri.apoema.art.br>>. Acesso em 31 mai. 2016.

⁴ Disponível em: <<http://chegancas.apoema.art.br>>. Acesso em 31 mai. 2016.

Recebido em: maio de 2015.

Aprovado em: agosto de 2015.